

TESTEMUNHO: A EXPERIÊNCIA DE ESCRITA EM PARCERIA

ANTÓNIO TORRADO

Conhecemo-nos no início dos anos 70, nos estúdios do Lumiar da RTP, apresentados que fomos por Maria do Sameiro Souto que, na área de programação infantil da televisão estatal, protagonizou com inegável mérito, durante o período da chamada «Primavera marcelista» (afinal o Outono do velho regime), a vontade de alargar o pequeno ecrã a nomes e temas, anos antes considerados tabus.

A Maria Alberta, nessa ocasião, afadigava-se a preparar o programa, donde, mais tarde, recolheria o precioso material com que escreveu o seu livro mais divulgado, «Ulisses». Eu, entre projectos de teatro de fantoches e outras miudezas, era um recém-vindo quer ao universo da televisão quer ao da literatura. Registava apenas no activo três livros (um de poesia e dois para crianças, entre os quais «O Veado Florido»). Verdade se diga que a Maria Alberta, por essa altura, nesta área específica também não contava senão com dois títulos para crianças «Conversa com Versos», de 1968, e «Figuras Figuradas», de 1969, mas, em contra-partida, a sua produção poética para adultos impunha respeito (8 colectâneas já publicadas, desde «Intervalo», de 1952, e a coordenação com Ernesto de Mello e Castro da polémica «Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa», em edição da Moraes, que media forças com a «Antologia da Poesia Portuguesa Contemporânea», em selec-

ção de Jorge de Sena, publicada anos antes pela Portugália). Este decisivo *curriculum* colocava-me, à partida, perante ela, muitos degraus abaixo. Situação em que ainda continuo.

Também a surpresa do seu primeiro livro para os mais novos, «Conversa com Versos», em que a abordagem da poesia para crianças era feita não pelo lado da rima fácil e das imagens pueris e aduladoras, mas com todos os recursos de uma apurada e subtil oficina poética, a lembrar, ainda que noutro registo, o perfume da poesia para crianças da brasileira Cecília Meireles e a irreverente jovialidade dos versos luso-brasileiros do português Sidónio Muralha, também a novidade deste seu livro a fizera sobressair no panorama até então pobrezinho ou remediado da literatura portuguesa para crianças.

Digo surpresa e digo novidade não só pela modernidade e apuro dos poemas propostos, como porque não era, há trinta anos, muito corrente um poeta com obra feita dar-se à singeleza e à «modéstia» de escrever para os mais novos.

Aliás, quando, ainda hoje, um escritor para adultos dá férias às musas seniores da sua eleição e, por desfastio, escreve um condescendente livrinho para meninos, tal facto merece sempre notícia. O mesmo não se passa, quando um escritor mais identificado com os leitores juvenis publica obra para adultos. É olhado com laboratorial estranheza e mandado de volta para o parque infantil.

Cabe aqui dizer que a longa permanência da Maria Alberta Menéres no perímetro literário reservado aos escritores para crianças e jovens tem prejudicado a sua imagem de grande poeta que ela também é «uma das mais importantes poetisas portuguesas da segunda metade do século xx». O Tempo, no curto prazo, às vezes tão ingrato, tão atordoadado, tão distraído, há-de, no longo prazo, prestar-lhe Justiça.

Quando, depois do 25 de Abril, fui colocado na assessoria da programação infantil da RTP, logo pedi ao então Major Ramalho Eanes, Director de Programas, que requisitasse

para apoiar a minha aflita responsabilidade a Maria Alberta Menéres. Depois, ambos ingressámos nos quadros da RTP por concurso público, como produtores, cabendo-me a mim a Direcção do Departamento de Programas Infantis e Juvenis, acabado de criar.

Entre ambos firmámos o pacto de que essa Chefia do Departamento, no que ela comportava de representação oficial e burocrática, seria entre nós rotativa, partilhando, no entanto, ambos por igual a definição e coordenação da programação infanto-juvenil televisiva.

Infelizmente para mim, menos de um ano depois (em 1976), eu saía da televisão, para só regressar passados dez anos, logo por coincidência tinha a Maria Alberta acabado de meter os papéis da reforma. Duplo azar meu.

Ela, que como Directora da Programação Infantil tinha produzido, no início dos anos 80, a série «Abre-te Sésamo» ainda, quando do meu retorno à RTP participou comigo no arranque da «Rua Sésamo» portuguesa, mas depois deixou-me entregue à minha sorte e desdita, a ingrata! Nunca mais me recompus nem quis, sem a Maria Alberta, voltar aos Programas Infantis da RTP. «Não nos banhamos duas vezes nas águas do mesmo rio» dizia Heráclito de Éfeso e digo eu, que já tenho muita experiência de águas passadas.

Da primeira vez em que coordenámos o Departamento, entre 74 e 76, divertimo-nos imenso. Quando criámos, em cumplicidade com um saudoso amigo comum, o Meio Frazão, um programa dominical para crianças chamado «Hoje há Palhaços», mais tarde posto em livro, programa onde contracenavam dois gentis e cândidos palhaços, na antítese dos palhaços rufiões e aparvalhados das parselhas circenses da época, quando escrevíamos, à beira da gravação, os diálogos para os nossos Emilinho e Anacleto, as gargalhadas que soltávamos voavam do nosso gabinete e iam fazer cócegas aos senhores sisudos dos gabinetes contíguos. Tão infantil alegria era motivo de escândalo. Ou de inveja...

Acredito que essa comunhão de riso, nos alicerces da nossa amizade continua a ser a parede mestra que mais solidamente a sustenta.

Quando, depois, no sótão da minha casa de S. Bento, onde muito trabalhámos, os meus filhos, no andar de baixo, nos ouviam rir, intrigavam-se. Tanto que um deles, depois de um dos nossos serões, me perguntou, com aquela serenidade reprovadora das crianças perante adultos mal comportados: «Vocês escrevem livros a rir..?» Acho que, agora, também eles adultos, já terão, por experiência própria, chegado à conclusão de que a alegria é indissociável do trabalho criador.

Nessa época mobilizadora de esperanças e convulsionada de novidades (segunda metade dos anos 70), mais de perto convivemos na Comissão Etária de Espectáculos Cinematográficos, encarregue de elaborar a nova lei reguladora da admissão dos jovens às salas de cinema e a sua execução prática. A par na Comissão de Recursos, cabia-nos com outros colegas inesquecíveis como o Dr. João dos Santos ou o Prof. Calvet de Magalhães, reapreciar os filmes (Kung-fus e quejandos) que em avalanche inundavam os ecrãs, abatidas que tinham sido, definitivamente, as cortinas da censura que os proibiam.

Avaliar numa salinha-cubículo do Palácio Foz, onde antes reinava a Censura, se um filme era «hard-core» e se merecia o subtítulo de «interdito a menores de 18 anos» ou o aviso de «este filme contém cenas eventualmente chocantes» era uma tarefa extremamente constrangedora.

A mim o que mais me embaraçava era saber que ao meu lado, com escrupulosa atenção às regras definidas das classificações a atribuir estavam pessoas que eu respeitava como a Maria Alberta Menéres, pessoas que estavam a ver as mesmas cenas que eu estava a ver e que sabiam que eu estava a ver o que também elas estavam a ver. Nunca me senti tão mal num júri.

Ainda nos anos 70, elaborámos o primeiro livro de leitura destinado então à 2.^a classe do então ensino primário, o

«Livro Aberto», livro a muitos títulos considerado inovador e histórico, até pelo número de exemplares escoados para cima de 230 mil.

Para ele produzimos textos, que depois viemos a incluir em obras nossas para o circuito extra-escolar. Foi o caso do multiconhecido poema de Maria Alberta Menéres: «Lengalenga do Vento».

Outros livros escrevemos a duas mãos (nenhum de nós é ambidextro...) e de todos eles nos orgulhamos, «falo por mim, já se vê...», sem que consigamos distinguir o que em cada um deles é produto de um ou de outro. Nunca experimentei outra parceria nem me apetece.

Muitas vezes me perguntam como é que escrevemos a meias, tendo cada um de nós um estilo seu, uma personalidade bem individualizada na muita obra que já produzimos.

Socorro-me, agora, para decifrar este enigma da escrita a dois, do ambidextrismo.

Conheço uma excelente ilustradora e artista plástica, Cristina Malaquias, que possui uma faculdade singular. Tanto desenha com a mão esquerda como com a direita. Diz-me ela que para a paisagem, a definição dos planos, o recorte das montanhas, o emaranhado do arvoredor, a estruturação geral do que pretende enquadrar é a direita que comanda. Para desenhar as folhas das árvores, as telhas das casas, o recorte das janelas, ajeita-se mais a esquerda.

Assim nós procedemos. Uma vez um, outras vezes outro ou ambos definimos a estratégia do contar as grandes linhas da narrativa, a escrita «à mão levantada», sem censura nem adversativo controlo. Cada um vai trazendo achegas, mas nenhum interrompe ou emenda o outro.

Os pormenores, o desenho das folhas, as artes finais, o passar a limpo, fica ao cuidado de um dos dois, umas vezes a Maria Alberta, outras o António. Quando há rimas ou situações de um lirismo mais explícito, recuo logo, com alívio, e dou prioridade à Maria Alberta que me ultrapassa a uma velocidade

de vertiginosa. A maestria e o repentismo poético da Maria Alberta são um dom que profundamente invejo.

Muitas vezes, no isolamento da minha escrita pessoal e intransmissível, diante de uma ladeira, a exigir laboriosa escalada, ou devaneante desvio, em forma de poema bailador, eu suspiro: «Que falta me faz aqui a Maria Alberta. Resolvia-me isto num instante.» Só por orgulho não lhe peço socorro. Houvesse ambulâncias literárias para casos destes, seria a Maria Alberta a permanente bombeira voluntária de serviço.

Mas não julguem que o virtuosismo poético da Maria Alberta Menéres é um exercício automático feito de condescendência, manha e facilidade rimática. Quando a poeta transferiu o seu estro da poesia para adultos para a poesia para crianças, ela transportou todo o seu instrumental de uma para a outra casa, com o profundo domínio de uma longa prática poética. Há pouco, eu lamentava que a Maria Alberta, autora de livros para crianças, em primeiro plano, tivesse desfocado para segundo plano a poeta para adultos ou que ela própria, ocupada com a premente comunicabilidade que o seu jovem público dela exige, tivesse um tanto esquecido a responsabilidade que tem para com a «outra» Maria Alberta, a da «Pegada do Yeti», a de «Os Mosquitos de Suburna».

Mas por outro lado devemos congratular-nos, egoístas que somos, por ter aportado à literatura para crianças o talento feito, amadurecido já, de alguém que com a sua inteira compleição de qualidade enriquece este trecho literário, enriquecendo-nos a todos, porque nos faz subir o nível da nossa exigência de uns para os outros e da nossa exigência pessoal, na intimidade crítica de cada um de nós.